



Ano 1 | # 1 | edição bimestral | novembro e dezembro de 2008

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

## Quem tem olhos vai à China

MELO, José Marques de. **Caleidoscópio Chinês: comunicação, educação e turismo na nova China**. São Paulo: Provocare Editora, 2008.268p.  
ISBN:978-85-61289-01-0

### Laércio Arruda<sup>1</sup>

Este volume, organizado pelo Prof.Dr. José Marques de Melo, é resultado de uma viagem à China pela delegação brasileira de professores e pesquisadores da comunicação em julho de 2007. A coletânea apresenta relatos importantes sobre a trajetória no continente chinês, onde jornalistas, publicitários, relações públicas, radialistas, fotógrafos, entre outros, puderam registrar e desvendar uma cultura até então, enigmática aos olhos ocidentais. Trata-se, portanto, de um trabalho dividido em capítulos diferenciados mostrando o que há de mais curioso e histórico na

---

<sup>1</sup> Jornalista e professor universitário, com 30 anos de experiência no mercado jornalístico atuando em vários jornais e revistas de São Paulo. Graduado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e em Letras pela UniSant'Anna. É Mestre pela Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, e doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Autor do livro: Diário Popular – A trajetória de um jornal paulistano, participou também como co-autor de duas outras obras publicadas: São Paulo na Idade Mídia (Organizadores: Prof. Dr. José Marques de Melo e Prof.Dr. Antonio Adami) e Pedagogia da Comunicação – Matrizes Brasileiras (Organizador: Prof. Dr. José Marques de Melo).

sociedade chinesa. O relato de Marques de Melo abre o caminho para fatos pitorescos complementados pelos comunicadores da Intercom.

Caleidoscópio Chinês apresenta trabalhos qualificados pela ótica dos pesquisadores e comunicadores que integraram a delegação brasileira que visitou a China em julho de 2007. O itinerário traçado pelos brasileiros proporcionou condições de uma montagem atípica no mundo da comunicação. Ou seja, os textos foram elaborados e distribuídos na obra de um modo adequado e acessível aos olhos dos leitores ainda não cientes do mistério que envolveu a China durante longos anos.

Na introdução, o organizador presta uma homenagem justíssima àquele que foi o pioneiro das ciências da comunicação no Brasil, Luiz Beltrão. E a ele coube também um relato inédito publicado em série de reportagens, resultado de uma visita em 1958 à China de Mao Tse Tung. Meio século depois, a sociedade brasileira ainda não conta com uma visão compatível do que representou e representa hoje o país chinês ao mundo globalizado. Desse modo, Marques de Melo alerta para uma ponte histórica que une os períodos pré e pós Mao.

O capítulo inicial nos oferece uma viagem virtual à China, tal o relato permeado de detalhes curiosos e fundamentais para se compreender a postura, a atitude, o jeito de ser do povo chinês. A partir do aeroporto de Guarulhos até o desembarque em Pequim, Marques de Melo registra minuciosamente a expectativa, a ansiedade, que tomou conta da delegação brasileira. No transcorrer do episódio, vários são os momentos que transportam o leitor atento para o ambiente mítico da China. Isto, sem falar na viagem em si, com situações pitorescas, muitas vezes cansativas, porém, recompensadoras culturalmente. O relato de Marques de Melo aborda as peripécias, as surpresas, que somente um choque cultural pode apresentar. Uma verdadeira aula de jornalismo cujo ápice é apoiado numa narrativa

descontraída, sem se preocupar com os dogmas que envolvem a cobertura profissional.

Os integrantes da delegação brasileira, composta por jornalistas, publicitários, radialistas, fotógrafos, relações públicas e educadores, tiveram espaço muito bem aproveitado na obra. O olhar crítico e frio de uma objetiva leva o leitor a uma proximidade maior, aguçando até mesmo o seu interesse em descortinar o mistério da Cidade Proibida. Para muitos dos integrantes, o local resumia-se ao filme de Bernardo Bertolucci, *O último imperador*. E dessa forma, as ilustrações ganharam força em alguns capítulos do livro. Não apenas por terem sido feitas por profissionais da área, mas sim, pela sensibilidade e eficiência com que os momentos foram registrados.

O outro lado de Pequim, até então desconhecido, ganhou importância no trabalho fotográfico dos brasileiros. Isto, aliado às visitas e “congestionamentos” de pessoas que transitavam pela histórica Muralha da China. Deslumbrantes histórias foram relatadas pelos guias turísticos chineses acostumados já as constantes presenças ocidentais. E assim a cada capítulo novas imagens são mostradas e relatadas por parte dos autores. Os congestionamentos nas ruas chinesas, tão comuns ao dia-a-dia dos brasileiros, não surpreenderam. Em compensação os passeios em pontos culturais de artesanatos, ganharam notoriedade ao lado do setor religioso onde emergem imensos e respeitosos templos budistas.

A cada capítulo os autores vão desfilando uma China inusitada, com seus talentos artísticos, mas também com a ousadia de seus investimentos na linha do progresso. Restaurantes, cassinos, igrejas, shoppings centers e edifícios empresariais ocupam rapidamente os espaços outrora preservados na linha doutrinária de Mao Tse Tung. É o preço do progresso ? Pode ser. Porém, as narrativas dão conta de que a economia mundial tem uma nova ordem e não enraizada nos dogmas ocidentais. Um ponto alto da viagem é

o reconhecimento por parte dos chineses do importante intercâmbio com o Brasil. Tanto assim, que a língua portuguesa marca presença no país, envolvida com o sotaque gaúcho.

Um mosaico de situações e análises abrange a curiosa e importante obra organizada pelo professor Marques de Melo. Não faltou a visão turística da China com suas várias províncias que dão um toque pitoresco à cultura asiática. A tradição cultural chinesa é muito forte, o que justifica a integração de 56 etnias. O governo investiu pesadamente no setor de turismo, incentivando até mesmo os próprios chineses a conhecerem melhor o seu país. Tanto assim que a Muralha da China ou Cidade Sagrada recebem visitas não apenas de estrangeiros, mas de grande parte dos próprios chineses.

A aventura literária desfila contradições históricas, mas também evoluções culturais jamais vistas por ocidentais. Tem-se a certeza da diversidade fantástica que abrange a China nos seus mais diferentes setores compreendendo as etnias, dialetos, aspectos da saúde, alimentação, educacional e estilo arquitetônico. Uma analogia entre o moderno e o tradicional é muito evidente nas trajetórias e narrativas.

O país secular manteve-se irretocável por anos, mas aos poucos, vai sucumbindo ante ao movimentar das máquinas que destroem coisas belas. A obra apresenta ao leitor várias nuances do cotidiano asiático, marcando sobretudo a certeza de que os chineses ingressaram resolutos no futuro e, em determinados aspectos, não fazendo a mínima questão de valorizar o passado. Mais do que um resgate teórico de uma civilização, as narrativas fortalecem e complementam um trabalho fecundo de Luiz Beltrão.